

## ***Por uma História Global (mais) Justa***

O SEMINÁRIO DE HISTÓRIA GLOBAL DO IUE\*

Instituto Universitário Europeu, Florença

No Outono de 2020, um grupo de doutorandos do Instituto Universitário Europeu (IUE), juntamente com dois professores, reuniram-se regularmente no âmbito do seminário ‘História Global’. Não estivemos sempre todos, nem em todas as ocasiões, juntos na mesma sala. Muitas vezes só nos vimos através de pequenos ecrãs que espreitavam para dentro das nossas salas de estar, dos nossos quartos e cozinhas. De quando em quando, a nossa conexão de internet não suportava o stress da situação. Esta era uma nova conectividade de isolamento, de quarentenas esporádicas e de confinamentos vigiados. Como discutir história global num mundo em que não nos podíamos encontrar, não podíamos apertar as mãos, não podíamos visitar amigos e família; num mundo em que a maioria dos lugares discutidos parecia mais distante que nunca?

O que se segue é o resultado de uma conversa entre vinte pessoas –velhas e novas, crentes e céticas, encantadas e desencantadas pela história global. Durante dez seminários de duas horas, lemos e discutimos uma variedade de textos enquadrados no campo da história global. Começámos com as proeminentes contribuições sobre o ‘estado da arte’ por parte de Conrad, Adelman e Berg, entre outros.<sup>1</sup> De seguida situámos o debate em questões relacionadas com a ‘micro-história global’, a ‘divergência’, a ‘espacialidade’, bem como no uso da história pública digital e o problema da escravatura. Para aqueles interessados em saber mais acerca das nossas leituras, a bibliografia e demais informações estão disponíveis no website do IUE.<sup>2</sup>

Os nossos debates refletiram a vivacidade e a atualidade que caracterizam o campo da história global. Nestas discussões, não assumimos o domínio prévio de

---

\* Friedrich Ammermann (Alemanha), Paul Barrett (Irlanda), Olga Byrska (Polónia), Elisa Chazal (França), Vigdis Andrea Baugstø Evang (Noruega), Eoghan Christopher Hussey (Irlanda), Carlos Jorge Martins (Portugal), Roberto Larrañaga Domínguez (Espanha), Fartun Mohamed (Itália), Sven Mörtsdorf (Alemanha), Bastiaan Nugteren (Países Baixos), Anna Orinsky (Alemanha), Rebecca Orr (Reino Unido), Cosimo Pantaleoni (França), Lucy Riall (Irlanda), Giorgio Riello (Itália e Reino Unido), Asensio Robles Lopez (Espanha), Alejandro Salamanca Rodríguez (Espanha), Liu Shi (China), Takuya Shimada (Japão), Halit Simen (Turquia).

<sup>1</sup> SEBASTIAN CONRAD, *What is Global History?* (Princeton: Princeton University Press, 2016); MAXINE BERG, ‘Global History: Approaches and New Directions’ e ‘Panel Discussion: Ways Forward and Major Challenges’, in MAXINE BERG, ed., *Writing the History of the Global: Challenges for the Twenty-First Century* (Londres: Publicado para a Academia Britânica pela Oxford University Press, 2013), 1-18, 197-208; JEREMY ADELMAN, ‘What is Global History Now?’ *Aeon*, Essays, Março 2, 2017, <https://aeon.co/essays/is-global-history-still-possible-or-has-it-had-its-moment>.

<sup>2</sup> Instituto Universitário Europeu, Departamento de História e Civilização, Investigação e Ensino, Seminários, 2020-2021 primeiro trimestre, História Global, Visto em 31 de Janeiro, 2021, <https://www.eui.eu/DepartmentsAndCentres/HistoryAndCivilization/ResearchAndTeaching/Seminars/2020-2021-1st-term/DS-Global-History-RiallRiello>.

conhecimentos. Na verdade, os participantes que se identificavam *a priori* como ‘historiadores globais’ estavam provavelmente em minoria. A maioria de nós, professores incluídos, procurava tão só encontrar estratégias para incorporar uma abordagem de história global no seu trabalho; estávamos interessados nos métodos e nas problemáticas da história global, e desafiámos conscientemente os limites dos chamados ‘area studies’ ao examinar conjuntamente tempos e espaços diferentes, e ao comparar metodologias diversas. Assinalamos ainda que este campo da história se tem vindo a transformar rapidamente ao longo dos últimos dez anos, num processo que é contínuo e permanente. Não há de nada de canónico acerca da história global: de facto, desde o seu início em 2009, o seminário ‘História Global’ do IUE mudou de tal maneira que nenhum dos textos da bibliografia de 2009 se encontra presente em 2020.<sup>3</sup>

Tendo por base os nossos debates, os dois professores do seminário – Lucy Riall e Giorgio Riello – desenvolveram um conjunto de questões, às quais os doutorandos deram respostas individuais. De seguida, recolhemos as respostas, discutimo-las em seminário, e escrevemo-las, revendo em conjunto o texto que aqui é apresentado. Este é um esforço deliberadamente coletivo entre professores e doutorandos, numa tentativa de captar não apenas os contornos da história global, mas também de refletir sobre o que ela significa para nós, o que ela poderá vir a ser, e o que ela deveria de facto ser. Refletimos neste texto sobre assuntos que nos causaram confusão e perplexidade, assuntos que nos irritaram e nos enfureceram. Este é um trabalho coletivo, para mostrar que a história global não pode ser feita isoladamente. Podemos ter estado sozinhos nos tempos mais recentes, mas este esforço académico não pode ser solitário.

Agradecemos ao *Cromobs* por esta oportunidade. Neste texto consideramos três tópicos essenciais: ‘A política da história global’, apresentando a história global como uma forma de ativismo; ‘A história global de quem?’, abordando questões relacionadas com a propriedade intelectual da investigação e respetiva partilha; e finalmente ‘Uma história global aberta’, onde se propõe um futuro utópico (para um presente problemático).

### **A política da história global**

A certa altura vista como a solução para uma falta de oportunidades crónica no campo da história, a história global tem-se vindo a revelar uma resposta desapontante, e não será, certamente, a panaceia desejada para os ‘males da história’. Debates mais recentes no campo da história global – alguns dos quais publicados nesta mesma revista – não atraem seguramente quem esteja a considerar prosseguir uma carreira em história, mais ainda uma carreira ligada à história global. Esta sensação de exclusão está relacionada com uma questão em particular – um problema de centros e periferias. Os

---

<sup>3</sup> Para seminários anteriores: Instituto Universitário Europeu, Departamento de História e Civilização, Investigação e Ensino, Seminários, 2020-2021 primeiro trimestre, História Global, Visto em 31 de Janeiro, 2021, <https://www.eui.eu/DepartmentsAndCentres/HistoryAndCivilization/ResearchAndTeaching/Seminars/Past-Seminars>.

historiadores globais tendem a não aceitar os modelos Wallersteinianos de centros e periferias, e, no entanto, reproduzem-nos repetidamente. Isto é verdade no que se refere à sua produção académica, bem como à sua ‘posição social’. Enquanto grupo constituído, na sua maioria, por historiadores mais novos, podemos debater se estamos ou não situados numa ‘periferia académica’. Poderemos, ou não, alcançar uma carreira em história, encontrar um emprego, ou até completar a nossa dissertação. No entanto, somos doutorandos numa instituição rica (mesmo com cortes orçamentais) e ocidental, longe de estar situada numa periferia académica (ainda que Florença não seja hoje o ‘centro global’ que foi no Renascimento).

Dois meses de leituras e discussões versadas sobre a história global deixaram-nos com um ‘gosto amargo na boca’ (*l’amaro in bocca*), e com a sensação de que competição em vez de colaboração, e exclusão em vez de integração, dominam não só a produção académica, mas também o debate académico no âmbito da história global. A academia pode por vezes ser um lugar desagradável, particularmente em instituições de elite e, como bem sabemos, a competição tem sido um elemento central da vida académica (basta pensar na centralidade da ‘publicação’, na importância de bolsas, ou na relevância do número de citações). Alguns estimados académicos, certamente não todos, foram construindo as suas torres de marfim com paredes bem altas e alicerces reforçados. Quando assim posicionado, torna-se mais fácil proclamar e projetar uma voz própria com segurança. Tais indivíduos e instituições assumem um papel de emissores. Tornam-se, desta forma, em centros da história global.

Nem todas as correntes historiográficas surgem de centros de elite Anglófonos. Na verdade, as origens da *histoire culturelle*, da *microstoria*, e da *Alltagsgeschichte*, bem como da história global, situam-se fora da Anglofonia. Todavia, é geralmente verdade que eventuais novas correntes historiográficas não assumem uma dimensão *global* sem gozarem primeiro de um reconhecimento e uma integração por parte de instituições Anglófonas centrais e suas respetivas editoras. Da mesma maneira, a identificação do ‘global’ com a ‘Anglofonia’, e da ‘Europa’ com a porção Noroeste do continente, reforça e replica uma visão antiquada da história europeia, com mais pontos de contacto com os nossos antepassados do século XIX do que com historiografia do século XXI. O facto de a história global seguir numa senda transnacional, mas que é ao mesmo tempo bastante tradicional, é particularmente desapontante dado os seus objetivos fundacionais de descentralizar narrativas e ‘dar voz ao subalterno’.<sup>4</sup> A história global tornou-se de facto ‘global’, e no processo absorveu o *zeitgeist* do tempo presente, dominado pela Anglofonia.

Este estado de coisas é inaceitável, uma vez que é precisamente o potencial emancipador da história global - o foco em atores marginais, ou a releitura das narrativas convencionais do estado-nação - que torna esta disciplina interessante para tantas pessoas. Assim, se por um lado a história global é, de múltiplas maneiras, um

---

<sup>4</sup> GAYATRI CHAKRAVORTY SPIVAK, ‘Can the Subaltern Speak?’, in Laura Chrisman e Patrick Williams, eds, *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: A Reader* (Nova Iorque: Columbia University Press, 1993), 66-111.

reflexo da globalização hodierna, por outro também pode demonstrar como o nosso mundo globalizado e a sua configuração atual não são um dado adquirido, e como nós podemos, hoje, transformar esse mesmo mundo da mesma forma que outros atores o fizeram no passado.

A nossa conceção de história global não é uma ‘espécie de história de tudo’. Da mesma forma, não pretendemos estabelecer uma nova ‘grande narrativa’. Ao invés, vemos na história global a promessa de uma perspetiva necessária: a visão panorâmica a dar lugar a perspetivas mais incorporadas e localizadas. Estas abordagens já não se prestam a privilegiar apenas a escala local ou nacional, procurando também construir novas interpretações de fenómenos globais. Socorrem-se de conhecimento e investigação locais para desenvolver interpretações de âmbito global, ao mesmo tempo esclarecidas e incisivas. Este trabalho é ainda feito, na sua maioria, de um ponto de vista Europeu e, num patamar mais abrangente, Ocidental. No entanto, pode igualmente ser feito partindo de um ponto de vista diferente, focado noutras espaços, noutras sociedades, e noutras comunidades académicas. Entendemos que uma história global escrita total ou parcialmente a partir das ‘periferias’ poderia potenciar uma cultura de debate bastante diferente. Contudo, não se trata apenas de uma aspiração, mas sobretudo de um desejo de ações concretas. Nesse sentido, a história global terá de se empenhar mais para corrigir desigualdades, por forma a que historiadores fora dos Estados Unidos ou da Europa possam decidir por si mesmos se os instrumentos de análise característicos da história global são apropriados, úteis e proveitosos.

Se quiséssemos propor uma recomendação aos historiadores globais com mais experiência, seria a de construir uma rede académica verdadeiramente multipolar e multilingue, onde mais investigadores se sentissem como intervenientes e motivados a dar o seu contributo. Para aí chegar é necessário reconhecer que as atuais estruturas académicas internacionais agregam em si hierarquias de domínio e até por vezes de opressão. Tal admissão, por seu lado, levanta questões mais amplas relacionadas com desigualdades: entre instituições dedicadas à criação de conhecimento, e entre (mas também dentro de) os estados e sociedades que patrocinam e suportam, a nível local e global, essas instituições.

O poder está em todo o lado e não está distribuído de forma igualitária. Mais ainda: existem formas de poder que nem sequer são percecionadas como tal. Durante o nosso seminário discutimos o papel da língua, em particular da língua inglesa. Todos os nossos textos estavam em Inglês e, no entanto, para a maioria de nós, o Inglês não se apresentava como língua materna. Colocámos então a seguinte questão paradoxal: se o Inglês deixasse de ser a *língua franca* internacional da academia, o que aconteceria às atuais hierarquias de produção de conhecimento? Como ficaria a história global? O historiador global Martin Dusenberre procurou dar mais ênfase às línguas locais e colocar no centro da narrativa pessoas e atores que, de outra maneira, estariam

invisíveis ou seriam ignorados pelas grandes narrativas da história.<sup>5</sup> O seu artigo no *The History Workshop Journal* desalojou as certezas da academia Ocidental ao fazer-nos confrontar documentos nas suas línguas originais. Mesmo se incompreensíveis para a maioria de nós (ainda que não para todos), uma passagem escrita em Japonês poderá ser mais fidedigna do que uma tradução forçada em Inglês.

O multilinguismo pode ajudar-nos a aceder não só a documentos diversos, mas também a mundos e perspetivas diferentes, que poderão ser de historiadores que não pertencem à Anglofonia. Ao invés de traduzir livros de história global anglófona para outras línguas, poderá ser desejável traduzir trabalhos em Chinês, Japonês, mas também em Espanhol, Italiano, e Francês, para outras línguas, incluindo o Inglês. Tal objetivo requer uma reflexão séria do que se deve publicar, como, e por quem.

As editoras mais prestigiadas – uma vez mais editoras britânicas e norte-americanas, bastante proeminentes em termos comerciais - cavalgaram a onda da história global, promovendo uma produção não apenas académica como também “popular”, dirigida a um público mais amplo, e escrita por académicos consagrados (invariavelmente do género masculino) em universidades de renome. Deste modo, consolidam-se e reproduzem-se hierarquias, e dissipa-se o potencial disruptivo da história global. O facto de que as principais revistas de história global apenas estão acessíveis através de subscrição limita o seu impacto fora de uma esfera cada vez menor de instituições (na sua maioria Ocidentais) que se podem dar ao luxo de pagar essas subscrições. Aqui o problema não está tanto em publicar, por exemplo, no *Journal of Global History* – uma revista da Cambridge University Press –, mas sobretudo na acessibilidade: se o artigo não estiver em livre acesso, evidentemente não será de fácil consulta para investigadores em instituições “mais pobres”. O fosso tenderá apenas a alargar-se.

Talvez os historiadores globais devessem desenvolver uma agenda nova, um programa de inclusão que possa abarcar uma pluralidade de perspetivas, tornando-se num fórum de discussão aberta e um espaço seguro e acolhedor, onde se possam fazer ouvir as vozes daqueles que foram sendo (ou que são ainda) ignorados e silenciados. Os historiadores e investigadores da periferia da Anglofonia não deveriam apenas ser incluídos nos debates já existentes da história global: na verdade, eles deveriam ter uma voz ativa na definição das perguntas e debates a serem levantados pela história global. Na geração anterior, este foi o caso das historiadoras femininas: numa área ainda dominada por homens, foi reconhecido o papel das mulheres no surgimento de novos campos de investigação histórica. Os historiadores globais têm o dever de impulsionar uma nova e importante transformação que promova inclusão na ciência histórica. Talvez a agenda da história global devesse incluir uma ‘escuta proativa’. Reconhecendo a universalidade da diferença, uma história mais ampla (ainda que provavelmente incompleta!) dos nossos mundos poderia encontrar um espaço para emergir.

---

<sup>5</sup> MARTIN DUSINBERRE, ‘Japan, Global History, and the Great Silence,’ *History Workshop Journal* 83, no. 1 (2017): 130–150.

### A história global de quem?

Num artigo online bastante citado e estimulante, Jeremy Adelman apelou a uma reflexão geral acerca de todos os que são deixados de fora da narrativa da história global: o seu ponto de referência foi o grande número de pessoas que não ‘viaja’, pessoas que não estão ‘ligadas’ e cujas experiências do ‘global’ são sobretudo marcadas pelas consequências nefastas da globalização.<sup>6</sup> Estas pessoas possivelmente não sentirão a mesma empatia pela história global que sentem professores universitários. Adelman estaria a pensar mais na classe operária do *Rust Belt* Americano do que num camponês Nigeriano, ou um operário fabril em Jiangsu. Na elaboração de histórias globais, temos que nos interrogar: a quem é que elas se dirigem? Para o bem e para o mal, as historiografias nacionais estiveram ao serviço do projeto nacional. Forjaram um sentido de identidade nacional (quando não de nacionalismo); celebraram (ou glorificaram) as instituições e cultura de determinado país; e serviram para identificar nas narrativas históricas um sentido de propósito – um desígnio (com limites auto-impostos). Todas estas ‘coordenadas’ são difíceis de traçar num mapa global. Dizer que as histórias globais servem para forjar uma ‘identidade global’ ou celebrar instituições supranacionais seria, no mínimo, falacioso.

O que a história global tem feito eficazmente é responder ao apelo de Dipesh Chakrabarty para ‘provincializar a Europa’.<sup>7</sup> Atualmente, nenhum historiador considera o mundo como composto de uma coleção de meros recetores que vão aceitando as ideias e as instituições desenvolvidas e estabelecidas no ‘centro’ – isto é, no Ocidente. Ainda assim, tal processo de ‘provincialização’ é tudo menos fácil e automático. No seguimento de muitos anos de sucessos da história global em determinados contextos académicos, os historiadores foram sendo capazes de ampliar os seus temas, as suas geografias, as suas ferramentas e o escopo dos seus estudos. Contudo, é impossível ignorar que a história global parece ser de alguma forma similar à opinião pública ocidental plasmada nos *mass media*: ambos aparentam compreender geografias distantes e, no entanto, nas suas narrativas, algumas personagens (tipicamente os ‘grandes homens’) e alguns espaços são muito mais importantes que outros (sendo alguns países, ou mesmo regiões inteiras, ignorados). Como observou Maxime Berg, no processo de transformar a Europa de ‘sujeito conhecedor’ a ‘objeto da história global’, limitámo-nos a passar do Eurocentrismo ao ‘centrismo Euroasiático’.<sup>8</sup> A integração do Sul Global – África, América Latina e o Pacífico (que não o da Anglofonia) - continua a ser um desafio, em boa parte porque hierarquias académicas trabalham implicitamente na exclusão de vozes e metodologias que se apresentam como distintas das suas.

Assim, esta abrangência assimétrica acaba por excluir tanto quanto tenta incluir. Talvez esta seja uma limitação inerente à história global: na sua ânsia de incorporar

---

<sup>6</sup> ADELMAN, ‘What is Global History Now?’.

<sup>7</sup> DIPESH CHAKRABARTY, *Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference* (Princeton: Princeton University Press, 2000).

<sup>8</sup> BERG, ‘Global History: Approaches and New Directions’, 5.

geografias e cronologias mais alargadas, necessita de admitir que muitas pessoas (do passado e do presente) não cabem nas suas narrativas, e que as suas histórias não serão relevantes para a grande maioria dos 7,7 mil milhões de pessoas que habitam a Terra. Neste particular, não podemos cair na armadilha de pensar numa espécie de história universal para todos: se há uma mensagem a reter depois de dez semanas de leituras de história global, é que este campo é variado, multifacetado, e por vezes cacofónico. O que devemos recordar é que estas qualidades só devem ser prezadas, valorizadas e promovidas. As tentativas de definir ‘o que é a história global’ caem na tendência de procurar respostas totalizantes, que não refletem o suficiente sobre quem escreve essa história, nem sobre os seus destinatários.

O que aconteceria se começássemos a escrever uma história global partindo, por exemplo, de um departamento de estudos do Sudeste Asiático, em Singapura? O que aconteceria se departamentos de história Sul Americana em Buenos Aires ou Lima comessem a escrever história a um nível global? O que temos a reter é que nestes departamentos trabalham pessoas que têm um conhecimento único de outras línguas, e que podem acrescentar perspectivas e metodologias bastante diferentes das de colegas situados na Europa ou na América do Norte. Pensando noutra exemplo: o que esperar se intelectuais Indianos comessem a rebater a narrativa global de uma suposta superioridade Europeia? Como já vimos com a emergência dos Estudos Subalternos, podemos esperar histórias globais tão analíticas e desconstrutivistas como as que emergiram desse círculo intelectual (contudo, ironicamente, muitos desses intelectuais acabaram por ir para universidades da chamada *Yvy League*).

Um outro resultado poderia ser um entendimento mais profundo da agência dos atores não europeus na história. Contudo, os historiadores na Europa e Ocidente poderão contestar que estes desenvolvimentos não lhes dizem respeito. Para todos aqueles que consideram que as histórias Europeias não podem, por defeito, deixar de ser eurocêntricas, permanece o problema de como aceder – ou talvez ‘calibrar’ – ao poder hegemónico Europeu. Este é um tema que afeta certamente histórias globais e imperiais, mas nos últimos anos também foi reconhecido em histórias continentais e nacionais. Nas nossas leituras, discutimos o papel de atores Europeus nas transformações ambientais globais, na exploração de recursos, e na transformação de paisagens e disrupção de ecossistemas. Estes são temas que, na verdade, ressoam nos trabalhos de académicos em início de carreira, e que influenciam projetos de investigação no IUE e em outros lugares. Levantam igualmente questões de difícil resposta acerca de agência, subjetividade, poder, e o papel do ser humano em histórias Antropocénicas. Para além disso, criam novas histórias que já não são acerca de ‘nós contra eles’, ou ‘o Oeste contra o Resto’, valorizando antes as ligações complexas entre atores, ambientes e instituições num quadro global.

### Uma história global aberta

Em meados do século XX, acadêmicos da escola dos *Annales* em França, bem como historiadores marxistas a partir da Grã-Bretanha, procuraram mudar os sujeitos, as temporalidades e as categorias da história. ‘Estou a tentar,’ escreveu E. P. Thompson no prefácio do seu clássico *The Making of the English Working Class*, ‘resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o seguidor iludido de Joanna Southcott, da enorme condescendência da posteridade.’<sup>9</sup> No entanto, esta tentativa de escrever uma história ‘a partir de baixo’, e a introdução da classe enquanto categoria historiográfica, acabou por marginalizar muitos: as mulheres em particular, e, entre e com as mulheres, os ‘subalternos’ racializados e os ‘desviantes’ não-normativos, juntamente com todos aqueles cuja identidade não pudesse ser definida pela hierarquia de classe. O foco dos historiadores marxistas na agência da classe relegou a subjetividade para um segundo plano; a identidade do homem da classe trabalhadora era, portanto, definida pela sua posição social, e não pelo entendimento de si próprio.

A questão é que já passámos por aqui. Todas as narrativas lineares, incluindo as históricas (‘The making of’), são construídas em volta de um protagonista e de um cenário principal – quer estejamos a falar de um herói, de uma classe, de um movimento ou país – levando a que qualquer tentativa de resgatar da ‘condescendência da posteridade’ os *outsiders* do passado, acaba sempre por relegar outros para a periferia. Isto não significa que um foco nos *outsiders* ou uma mudança de temporalidade não possam alterar a narrativa – precisamente aquilo que os *Annales* e os historiadores marxistas conseguiram –, mas que é necessário desafiar a ideia de uma narrativa linear de um ‘antes’ e um ‘depois’, especialmente no âmbito da história global.<sup>10</sup> Durante os nossos seminários, voltámos uma e outra vez à importância de uma experiência subjetiva, a uma história ‘a partir de baixo’ que possa incluir sujeitos e locais excluídos das narrativas dominantes, e uma história que possa prestar atenção a uma pluralidade de vozes em vez de simplesmente atentar nos que parecem falar mais alto. Da mesma forma, esta ênfase na subjetividade implica um elevado grau de humildade e consideração entre historiadores globais, acerca daquilo que somos, do que fazemos, e dos limites dos nossos conhecimentos enquanto profissão.

Tudo isto não significa que uma abordagem global da história não pode ensinar-nos algo de novo, bem pelo contrário. A abundância de vozes, a variedade de sujeitos, os desafios do debate: tudo isto é inspirador e desafiante numa disciplina que depende tanto da experiência, da prática, da compreensão comum e de um estilo particular de linguagem escrita. Se não retirarmos mais nada das nossas leituras, pelo menos elas forçaram-nos a confrontar os nossos privilégios intrínsecos, a nossa cumplicidade como praticantes e beneficiários da narrativa dominante Ocidental. Concluimos estar

---

<sup>9</sup> EDWARD P. THOMPSON, *The Making of the English Working Class*, nova Ed. (Londres: Gollancz, 1980), 12.

<sup>10</sup> Para estas temáticas Cf. MICOL SEIGEL, ‘World History’s Narrative Problem,’ *Hispanic American Historical Review* 84, no.3 (2004): 431–446.



de acordo quanto a uma ‘perda de inocência’ coletiva e produtiva, fomentada pelo estudo da história global.

O que aprendemos destas leituras e discussões, e como poderá uma futura história global cumprir o seu propósito original de emancipação? Cada um de nós terá as suas ideias. Contudo, elencamos abaixo algumas sugestões e comentários expressados por membros deste seminário:

- A necessidade de mais história global de e sobre mulheres. Dada a ênfase da história global em pessoas e espaços diversos, é surpreendente (talvez até irónico) que se trate de uma área tão masculina. O olhar e voz masculina tendem a dominar os debates, e os homens tendem também a ser os protagonistas mais visíveis nas narrativas das histórias globais. Existem claro excelentes histórias globais de mulheres, mas a agência e a perspectiva femininas são sempre pouco consideradas no debate mais amplo acerca de espaços, conectividade e mobilidade.
- Da mesma forma, o enfoque dado à ‘conectividade’ transnacional privilegia aqueles que possuam o dinheiro e tempo para estabelecer essa ‘conectividade’. À parte de algumas exceções (de mencionar o trabalho de Amy Stanley), sabemos muito pouco acerca das experiências daqueles ‘desconectados’ pela onda global, ou até das visões globais e experiências dos que ficaram em casa e não viajaram.<sup>11</sup>
- A pluralidade de processos de construção de conhecimento. As histórias globais têm um enorme potencial para alargar a análise do modo como as pessoas, tanto no passado como no presente, deram sentido ao seu ambiente social e natural. Estas são histórias que têm uma consciência ambiental e que afirmam a importância das relações entre humanos, natureza, materialidades (recursos, tecnologias, ferramentas, artefactos, bens de consumo) e práticas interculturais.
- A necessidade de descentralizar para lá da Europa. Não é suficiente adicionar mais locais e examinar as conexões entre espaços diversos. Um novo ‘centrismo euroasiático’ não chega para repensar categorias desgastadas como as de progresso e modernidade (pensamos na questão da ‘Divergência’, por exemplo), que ainda ressurgem em narrativas da história global. ‘Comparações recíprocas’ que comecem, por exemplo, pelos Nigrianos, Peruanos, ou Japoneses, e usem as suas experiências para levantar questões relacionadas com a história Europeia, podem oferecer um novo caminho.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> AMY STANLEY, ‘Maid-servants’ Tales: Narrating Domestic and Global History in Eurasia, 1600–1900,’ *American Historical Review* 121, no. 2 (2016): 437–460.

<sup>12</sup> GARETH AUSTIN, ‘Reciprocal Comparison and African History: Tackling Conceptual Eurocentrism in the Study of Africa’s Economic Past,’ *African Studies Review* 50, no. 3 (2007): 1-28.

- A necessidade de uma narrativa mais complexa, que desenvolva diferentes tipos de relação entre o passado e o presente. Não retiramos ‘lições da história’, mas os historiadores podem identificar alternativas e pontos de viragem, assim como podem explicar eventos inesperados. No que se refere ao século XXI e às suas questões mais prementes, a história global poderia servir para ‘desnacionalizar’, e assim ajudar a explicar a história da escravatura, por exemplo. Uma abordagem global à história da escravatura poderia contextualizar as especificidades da escravatura nos Estados Unidos e permitiria explorar as ligações entre escravatura e raça. Uma tal abordagem poderia também identificar a relação entre escravatura, por um lado, e a história da conquista colonial, por outro.
- Alguns dos melhores, ou mais inovadores, trabalhos que lemos durante o seminário incluíam temas de historiografia global da Idade Moderna (*Early Modern*). Como se tornou hoje habitual, esticamos muitas vezes o conceito de Idade Moderna pelo século XIX dentro. De referir que a história global do século XX tem um claro foco institucional e internacional, e que, no IUE, existe um seminário específico para este período. Esta questão de periodização cronológica é importante: certamente nada é mais Eurocêntrico do que a divisão entre medieval, moderno e contemporâneo. Será que esta periodização funciona fora da Europa? Será que funciona na Europa, sequer? Valerie Hansen demonstrou que se situarmos o início do ‘global’ em 1500, com aquilo que foi chamado de ‘Idade das Descobertas’ estamos necessariamente a colocar no centro os Europeus. Nesse processo, excluímos a noção de que na sua descoberta de ‘novos’ mundos, os Europeus seguiram rotas estabelecidas por não-europeus muitos séculos antes.<sup>13</sup> Precisamos de encarar de forma crítica que a Europa funciona muitas vezes ‘como um referente silencioso’ também na forma como a mudança ocorre e é interpretada ao longo do tempo.<sup>14</sup>

Renovamos os nossos agradecimentos ao *Cromobs* pela oportunidade de expressarmos as nossas opiniões neste formato coletivo. Os seminários e o ensino foram bastante afetados pela COVID-19 e, também por isso, ficaremos felizes se as nossas experiências e reações aos problemas que a história global enfrenta durante estes tempos difíceis possam servir de estímulo a discussões posteriores. De forma particular, saudamos o compromisso do *Cromobs* para com uma política de publicação de livre acesso. É apenas através de uma troca livre e completa de ideias e investigação académica que poderemos esperar fazer progredir este estimulante campo de estudos.

Tradução: Carlos Martins

---

<sup>13</sup> VALERIE HANSEN, *The Year 1000: When Explorers Connected the World and Globalization Began* (Nova Iorque: Scribner, 2020).

<sup>14</sup> CHAKRABARTY, *Provincialising Europe*, 28.